



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

## A CAMINHADA DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE MATA CAVALO DELINEANDO SEU TERRITÓRIO POR ENTRE AS TRILHAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Rosana Manfrinate<sup>1</sup>

Michèle Sato<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresentará os caminhos percorridos à compreensão do processo de educação contínua realizada por um grupo de mulheres do quilombo de Mata Cavalos<sup>3</sup>, buscando interpretar à luz da Educação Ambiental a importância do reconhecimento da própria identidade e do seu território como uma forma de aprender a saber lutar politicamente com táticas adequadas e coerentes à causa. Mesmo com o reconhecimento ao direito à terra garantido juridicamente, ainda hoje os herdeiros lutam pelo o seu reconhecimento e posse definitiva, pois existe uma forte contestação por parte dos fazendeiros da região em aceita-los como verdadeiros donos da terra. Para espoliá-los variam métodos como atos de violência, intimidação usando até do aparato policial para isso. A educação Ambiental nos acompanha nessa caminhada na medida em que é entendido que a construção de gênero e suas identidades estão ligadas ao território em que essas mulheres vivem, por sua ligação com a terra pela qual lutam na forma e como se relacionam com o seu próprio ambiente e no movimento de pertencimento ao lugar e reconhecimento do valor de ser quilombola. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a história oral foram entrevistadas mulheres líderes que são bem atuantes na luta.

**Palavras chaves:** Educação ambiental, Mulheres, Quilombo, território, história oral.

**ABSTRACT:** This paper shows the paths taken to understand the process of continuing education undertaken by a group of women quilombo Horse, seeking to interpret in the light of the importance of Environmental Education recognition of their identity and their territory as a way of learning to know how to fight politically with tactics appropriate and consistent to the cause. Even with the recognition of land rights legally guaranteed, the heirs still fight for its recognition and final possession, because there is strong opposition from farmers in the region accept them as true owners of the land. To vary methods spoils them as acts of violence, intimidation by using the police apparatus to that. Environmental Education with us on this journey as it understood that the construction of gender and their identities are linked to the territory in which these women live, in connection

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Pesquisadora do Grupo pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT. Cuiabá –Mato Grosso [rosmanfrinate@gmail.com](mailto:rosmanfrinate@gmail.com)

<sup>2</sup> Profa.Dra.em Educação Ambiental e Filosofia do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Coordenadora do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte.- GPEA [michelesato@gmail.com](mailto:michelesato@gmail.com)

<sup>3</sup> Este artigo é um dos resultados de pesquisa inserida no projeto “Território e temporalidade do Quilombo de Mata Cavalos” desenvolvida pelo GPEA e com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa de Mato Grosso-FAPEMAT.

with the land for which they fight in the form and how they relate to their own environment and move to the place of belonging and recognition of the value of being maroon. The methodology used in this study was oral history were interviewed women leaders who are very active in the fight.

**Key words:** Environmental Education, Women, Quilombo, territory, oral history.

A história dos quilombos no Brasil sempre representou um lócus de luta e resistência à escravidão e ao sofrimento do povo negro (SILVA, 2003, p.28). Apesar de mais de um século da libertação oficial da escravidão no país, as comunidades originadas desses antigos quilombos ainda precisa lutar contra o racismo, contra o descaso por parte do governo e principalmente contra a tomada de suas terras destituindo-os dos seus direitos fundamentais de cidadão. O presente artigo apresentará os caminhos percorridos à compreensão do processo de educação contínua realizada por um grupo de mulheres do quilombo de Mata Cavallo, buscando interpretar à luz da Educação Ambiental a importância do reconhecimento da própria identidade e do seu território como uma forma de aprender, a saber, lutar politicamente com táticas adequadas e coerentes à causa. (PAULO FREIRE, 1997, p.37)

O quilombo de Mata Cavallo é situado no estado de Mato Grosso a 30 quilômetros de distância da capital Cuiabá, e por sua origem estar relacionada à doação de terras feita pela dona de uma antiga sesmaria no ano de 1876 a alguns escravos, a comunidade não se enquadra na definição clássica de quilombo, alçada na idéia de fuga e isolamento geográfico. Mas num conceito mais amplo usado contemporaneamente que designa uma herança cultural e material que os insere a um território e integra sua identidade (CHAGAS, 1998, p.12). Juridicamente o que garante a posse é o artigo 68 da Constituição Federal: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecido a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).

Mata Cavallo foi reconhecido pelo decreto presidencial de 05 de novembro de 2007 após ter sido elaborado o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) e a ata nº 24 da reunião do Comitê de Decisão Regional do Instituto de Colonização e Reforma Agrária-INCRA/MT, que foram embasadas no laudo antropológico financiado pela Fundação Palmares para o Mapeamento e Sistematização das Áreas de Comunidades Remanescentes de Quilombo. Mesmo com o reconhecimento ao direito à terra garantido juridicamente, ainda hoje os herdeiros lutam pelo o seu reconhecimento e posse definitiva, pois existe uma forte contestação por parte dos fazendeiros da região em aceita-los como verdadeiros donos da terra. Para espoliá-los variam métodos como atos de violência, intimidação usando até do aparato policial para isso.

Parte da comunidade no passado já havia sido expulsa pelos fazendeiros e se espalhado pela periferia de Cuiabá capital de Mato Grosso. Entretanto durante a década de 90, após a criação da “Associação Quilombo Mata Cavallo”, aos poucos os descendentes e herdeiros do quilombo retornam a comunidade para lutarem pela posse definitiva das terras.

As mulheres desse quilombo desempenham um papel muito importante, pois são elas que tomam a frente nas lutas e reivindicações pela terra, enfrentando os fazendeiros indo a todas as instâncias da justiça em busca de seus direitos, são elas que lideram o quilombo. Esta situação ilustra a mudança histórica na condição da mulher negra na sociedade. Depois do período da escravidão elas passaram a ser trabalhadoras pobres sem muitos direitos.

Depois da abolição os libertos foram esquecidos. Com exceção de algumas poucas vozes, ninguém parecia pensar que era sua responsabilidade contribuir de alguma maneira para facilitar a transição do escravo para o cidadão (...). A maioria tinha estado mais preocupada em libertar os brancos do fardo da escravidão do que estender aos negros os direitos da cidadania. O governo republicano que tomou o poder em 1889 excluiu os analfabetos do direito de voto, eliminando a maioria dos ex-escravos do eleitorado. Poucos foram os abolicionistas que continuaram a afirmar que a tarefa deles ainda estava incompleta. (COSTA, 2008, p.57)

Ainda hoje temos uma grande defasagem na condição em que a mulher negra vive, resultado da sua história onde foi vítima da violência do descaso e da marginalização primeiro da sua condição de escrava e depois da condição de ex-escrava. Com pouco acesso a escola, e relegada a serviços braçais e o subemprego, o mapa da inserção delas no mercado de trabalho é considerado preocupante e desvantajoso, numa pesquisa feita pelo Dieese que mostra que a taxa de desemprego para as mulheres negras na cidade de Salvador( uma das Metrôpoles brasileiras com maior número de população negra) era de (29,2%) em 2005, muito grande em relação ao de outros grupos por exemplo a dos homens não negros que é de (15,2%) por cento.(IPEA, 2008).

Tudo que foi apresentado aqui sobre a situação das mulheres negras desde a visão histórica até o relatório dos dias atuais, são situações de suma importância. Entretanto existe outro lado dessas mulheres que também não podemos deixar de fora, um lado muito pouco mostrado, o lado da resistência a todas essas agruras que passam. O lado das mulheres negras na atualidade no Brasil, que mesmo com desvantagem econômica e social, continuam lutando e procurando cada vez mais seu espaço, seja nas academias, na vida política ou brigando por suas heranças culturais e seus territórios como é o caso em Mata Cavallo.

Mostrar a liderança e o poder dessas mulheres é mostrar que situações caóticas podem ser revertidas desde que através da consciência de si mesmo, por sua história e através dessa história se educar, mas não a educação opressiva das escolas ou bancaria como diria

Paulo Freire, mas uma educação para viver a liberdade de sua cultura, seus direitos e cidadania. “A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.”(FREIRE, 1994. p.27).

A educação Ambiental nos acompanha nessa caminhada na medida em que é entendido que a construção de gênero e suas identidades estão ligadas ao território em que essas mulheres vivem, por sua ligação com a terra pela qual lutam na forma e como se relacionam com o seu próprio ambiente e no movimento de pertencimento ao lugar e reconhecimento do valor de ser quilombola. Essa noção de pertencimento utilizada aqui é almejada pela Educação Ambiental, onde a relação entre os humanos e a natureza passa pelos diversos sentidos, construindo uma identidade do humano com o biológico, com posições humanísticas, referindo-se a ética e a sustentabilidade transformando valores, comportamentos, atitudes com pessoas capazes de dar um direcionamento a um novo paradigma. (SÁ, 2005, p.248)

Assim enfatizamos, portanto, a visão de educação ambiental pautada na perspectiva de reconhecimento do território, identidade, pertencimento, e que intrinsecamente não deixam de falar:

da dimensão política da Educação Ambiental, que diz respeito ao entendimento da identidade social e cultural de uma comunidade e a luta por o seu território, onde tem suas raízes, seus significados simbólicos, através do manejo de suas práticas com a natureza sendo impossível manter suas tradições sem o local em que vivem. (SATO&PASSOS, 2003, p.25).

E é nesse sentido de colocar como princípio básico da Educação Ambiental o respeito pela diversidade cultural, social e biológica que reforçam-se a articulação dos saberes entre a sociedade (TRISTÃO,2005, p.88).

A metodologia utilizada para a pesquisa foi a História Oral, pois para Montenegro (2003, p.27) a História Oral tem se firmado como uma grande percussionista da memória das partes não oficiais, como outras visões de mundo, de representações e registrando em outro nível os conflitos, contradições diversidades, ausências das políticas públicas, que os registros oficiais teimam em não perceber. Fortalece dessa maneira, o campo da história como campo de luta.

Do ponto de vista do estudo de meio ambiente e cultura, é fundamental também que se possibilite aos:

Indivíduos pertencentes a segmentos sociais, geralmente excluídos da história oficial, voz e escuta, deixando registrada para a análise futura sua própria visão de mundo e aquela do grupo social a que pertencem. Oportuniza um movimento para

que estes segmentos sociais falem por si mesmos, expressando a originalidade de sua visão de mundo. O depoimento oral assume e confere ao sujeito a livre expressão e seu papel de centralidade no ato de narrar história (RUSCHEINSKY, 2005.p.142).

Muitos pesquisadores na área de movimentos sociais, segundo afirmação de Ruscheinski (2005.p.136), alicerçam seus trabalhos na metodologia da História Oral, pois reconhecem que assim os sujeitos da pesquisa percorrem suas memórias em busca dos principais fatos de suas vidas, individual e social, atribuindo significados aos fenômenos sociais e ambientais.

Existiu dessa maneira uma intensa necessidade de diálogo e de profunda interação com as quilombolas, não cabendo a pesquisa fria e estática, foi preciso compreender quais eram os elementos naturais de importância para a comunidade, postando dessa forma a atenção não apenas ao entrevistado e sua narrativa, mas também ao ambiente que o cerca.

### **Caminhando de Volta**

Tendo em vista o importante papel feminino no quilombo de Mata Cavalo, as mulheres são os sujeitos da pesquisa, dotado de qualidades, que “ao praticar determinadas ações, impõe o iniciar de um novo processo, revitaliza o que estava latente, instaura um pensar e um agir diversos dos predominantes”. (ALEIXO, 1995.p.16). Sujeito então é o ser histórico que age interage, transforma-se e transforma, emociona-se e também se indigna com sua situação, como nos ensinou Paulo Freire: o sujeito vive o mundo e no mundo.

Entretanto apesar dos sujeitos serem as mulheres de Mata Cavalo, nem todas as mulheres do Quilombo fizeram parte desse estudo. A delimitação utilizada foi a de que seriam entrevistadas as mulheres com mais de 40 anos que haviam sido expulsas pelos fazendeiros quando crianças e que durante meados da década de 90 voltaram a morar no quilombo e que são bem atuantes na luta.

A comunidade antes das expulsões era essencialmente formada de agricultores, que trabalhavam em seus próprios sítios. Fora do quilombo, para eles não restaram muitas opções de trabalho a não ser o do trabalho braçal. Algumas das mulheres que constituíram sujeitos da pesquisa já eram nascidas, outras nasceram depois que seus pais foram despejados. Cresceram sem muitas regalias ou conforto começaram a trabalhar cedo.

Como nós saímos daqui, nossos pais mudaram daqui, e nos fomos criados assim para as fazendas e chácara dos outros (...) nós saímos daqui criança, nossos pais não colocaram a gente na escola. (Dona Edvirges, Mata Cavalo agosto de 2009)

Nasci em Livramento, minha infância foi em Cuiabá, trabalhava como babá, depois começando a ficar mocinha fui trabalhar de doméstica, estudei pouco por que com quem eu morava, também não interessava que eu estudasse. (Dona Guilhermina outubro 2009)

Eu acho que nasci na fazenda, mas me criei em Poconé. Nós, quando pequenos, ficávamos o tempo todo nas fazendas trabalhando.. Quando eu tinha 24 anos eu não quis mais, e fui para Cuiabá, lá eu estudava noturno, só que ai eu casei e logo vieram os filhos, não deu para estudar. (Dona Ana Maria, mais conhecida como Dona Preta, outubro de 2009).

Trabalhar feito gente grande desde a infância, esse foi o caminho que muitas das entrevistadas tiveram que percorrer. As narrativas expõem também que as pessoas para quem trabalhavam tinham um total descaso em relação à educação delas quando contam que “ficavam nas fazendas cuidando das crianças ou ajudando na cozinha”. Refletindo o pensamento preconceituoso da educação de elite, no qual a escola era reservada para as crianças bem nascidas ou, no caso de Mata Cavalo, para os filhos dos fazendeiros. A falta da escola para essas meninas figurou-se ainda com uma distinção social, de uma cultura que domina e outra que é dominada, pois pressupõe uma cultura erudita, com suas próprias categorias de percepção, colocando aquelas pessoas que a receberam como diferentes daquelas que só tiveram acesso à aprendizagem dentro dos ofícios ou dos contatos com os semelhantes (Bourdieu, 2007).

A negação do direito de estudar age como um elemento que dificulta qualquer promoção para se sair da situação de oprimido, sem a leitura é como se vivessem as cegas sem poder decifrar os códigos necessários à interação do mundo, a interação necessária para se defenderem de abusos cometidos como no caso de seus pais ou delas mesmas. Paulo Freire lindamente comenta sobre a importância do ato de ler e a sua ligação com conquista da cidadania:

Esta é uma das violências que o analfabetismo realiza – a de castrar o corpo consciente e falante de mulheres e de homens, proibindo-os de ler e de escrever, com o que se limitam na capacidade de, lendo o mundo, escrever sobre sua leitura dele e, ao fazê-la, repensar a própria leitura. Mesmo que não zere a milenar e socialmente criadas relações entre linguagem, pensamento e realidade, o analfabetismo as mutila e se constitui num obstáculo à assunção plena da cidadania. E as mutila porque, nas culturas letradas, interdita analfabetos e analfabetas de completar o ciclo das relações entre linguagem, pensamento e realidade, ao fechar a porta, nestas relações, ao lado necessário da linguagem escrita (FREIRE, 1997).

Para Silva e Araujo (2005), a população negra teve presença sistematicamente negada na escola, pois a universalização ao acesso e a gratuidade escolar legitimaram uma aparente democratização, porém, na realidade, negaram condições objetivas e materiais para que os negros libertos e seus descendentes participassem de um verdadeiro projeto educacional.

Isto posto, entende-se que a escola “apropriada” pelas classes dominantes perpetuava-se como vantagem competitiva das elites, preservando o *status quo* destas mesmas classes em detrimento da educação das populações negras rurais e/ou

urbanas, cujas condições de trabalho e isolamento dificultavam - mas não eliminavam - as manifestações de descontentamento (SILVA e ARAUJO,2005,p.71).

Reverter essa situação seria possível somente pela emancipação política e social desta comunidade e este movimento começou com a criação da “Associação Boa Vida Quilombo Mata Cavallo”, com o apoio do Comitê dos Direitos Humanos, com a Comissão Pastoral da Terra - CPT e o Conselho dos Negros.

Com a Associação criada, as articulações estabelecidas, para tornar a luta ainda mais forte e legítima, para impulsionar a volta dessas mulheres foi necessário um trabalho de reconhecimento de parentesco com os antigos escravos, bem como da herança cultural e territorial da comunidade. Isso ficou por conta das principais lideranças do quilombo como revela a entrevista abaixo:

Tinha gente em Poconé, tinha gente em São Vicente, tinha gente lá no Capão de Negro (Várzea Grande), juntamos esse povo e vieram para cá. (D.Tereza, abril 2009)<sup>4</sup>

Aqui também podemos acrescentar as falas de outras mulheres, para explicitar como foi a volta das pessoas ao quilombo:

Nós não tínhamos entendimento que nós éramos quilombola, ai através de D. Tereza ela falou que a gente era bem próxima da terra, que nosso tronco era da origem do quilombo, que era para nós lutarmos porque era nosso. Nós não tínhamos conhecimento da terra, nem dela mesmo (Elas não conheciam D.Tereza que era líder)... Mas ela procurou mamãe que é prima irmã dela, ai logo que ela falou, minha irmã mudou para cá, então eu falei vamos todo mundo lutar juntos, ai veio minha irmã Paula, ai minha irmã Cecília, ai eu e a Lúcia. Voltamos ao lugar em que nascemos. (D. Guilhermina, maio de 2009).

Foi preciso, essas mulheres se verem como quilombolas para, através dessa nova identidade de grupo, retornar as suas origens. Ser próximos ao tronco que formou o quilombo, significa ser descendente diretos dos primeiros escravos, significa ter um referencial, uma nova importância a partir do qual elas constroem outras, para elas a volta ao quilombo e a luta representam umas novas identidades calcadas no passado. As entrevistadas afirmam unanimemente “Voltamos ao lugar em que nascemos”, sendo que muitas delas não nasceram no quilombo, pois os pais já haviam saído na década de 40, mas elas passam a adotar em suas falas o quilombo como o lugar de nascimento. O nascimento no quilombo passa a ser o símbolo da luta, onde elas nasceram não apenas mulheres, mas quilombolas, pertencente a um

---

<sup>4</sup> Todas as narrativas transcritas neste artigo estão com os nomes verdadeiras das entrevistadas. Para isso foi recebido do conselho de ética da pesquisa da UFMT a autorização para esse procedimento. Além do que também foram concedidas a autorizações por escrito de cada uma das mulheres entrevistadas indicando qual parte da entrevista poderia ser publicada. As entrevistas estão gravadas em cd, e armazenadas no arquivo de pesquisa do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte, bem como as autorizações das entrevistadas, conforme orientação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).

grupo, e o nascimento que dá cumplicidade como o ambiente do quilombo, nascimento como identidade e nascimento como quilombolas.

Para HAESBAERT (2009, p.53) essa identidade do grupo e todos os símbolos que são seus sustentos como ter nascido em Mata Cavalo, por exemplo, são construídos por meio da própria luta pela terra.

As mulheres, ao voltarem ao quilombo, aprenderam a lutar juntas, a sonhar juntas e a se enxergarem como membros atuantes da comunidade. Elas entendem que suas vidas mudaram quando retornaram e de uma forma que elas não esperavam. Voltaram a estudar, passaram a fazer parte de uma associação, participam de passeatas, são conhecidas na comunidade. Partilham histórias e feitos, tais como enfrentar os fazendeiros ou enfrentar a polícia. Algumas delas nos levam a entender como a vida vivida na comunidade de Mata Cavalo encheu de coragem, esperança e auto-estima quem desde criança teve uma vida dura e sofrida.

Eles xingavam de negra sem vergonha e de palavrão feio que esse eu só posso falar escrito...eu já tomei muito dos peões com cachorro com cavalo, mas é como a Dona Tereza fala para gente, não vamos virar as costas para esses fazendeiros, sem dizer a mesma coisa que eles. E assim a gente faz enfrenta eles (Dona Branca,2009).

Ao responder na mesma medida, mesmo que com palavras feias, ou com gritos, elas buscam seus destinos, agora elas falam a favor de sua cidadania, pois a primeira coisa que a injustiça e dominação retiram do povo é seu poder de fala e contestação, “na nossa sociedade o exercício da palavra se transformou no direito do poder” (BRANDÃO, 1985.p.10).

O mundo delas se transformou a partir da volta para o quilombo; puderam ver outra realidade, vislumbrar outro futuro a partir de um passado de sofrimento.

É oportunizado também com a volta ao quilombo, a apropriação do território por meio da interação dessas mulheres com seu antigo ambiente e pelo modo como elas percebem as mudanças que ocorreram ao longo dos anos. Abrindo espaço para o diálogo com sua experiência histórica, numa tentativa de reviver a tradição de interação e historicidade com a natureza do quilombo conforme nos apresenta Grün, “genuína é a experiência de nossa própria historicidade, assim a natureza não é dominada nem conquistada, mas vista e experienciada como parceira num diálogo mutuamente benéfico” (GRÜN, 2007, p. 166).

E toda essa experiência de vida das Mulheres de Mata Cavalo pode se mostrar como base para uma educação vivenciada num conhecimento onde a natureza e a cultura caminham juntas para a sustentabilidade, ancoradas no reconhecimento de suas próprias narrativas.

### **As Narrativas das Mulheres: Território, Ambiente e Identidade.**



A posse terra no contexto da reapropriação de Mata Cavalo não serve apenas para ser a local de subsistência, mas serve de território para se formarem como mulheres negras e quilombolas, que encontraram o seu lugar de verdade. E aqui apresento uma narrativa de Dona Tereza líder do quilombo que mesmo tendo dinheiro quis compra terra onde era o local do quilombo, para ilustra bem o sentimento de pertencer à história e ao território de Mata Cavalo, Quando foi perguntado a Dona Tereza, presidente do quilombo porque ela havia comprado as terras no quilombo já que ela tinha dinheiro, por que não comprar em outro lugar que não havia brigas e despejos. Ela respondeu:

Porque eu nasci aqui, quando eu vou lá para baixo, a tardzinha, lá onde fica a associação, era lá que eu morava, eu até posso ver as meninas que brincavam comigo lá, o rio que a gente banhava, meu avó tinha pé de laranja, e a gente ia chupar só que ele não gostava que cortasse a laranja ao meio se não o pé não dava mais... Eu aprendi a ler aqui... vivi sempre aqui, e aqui ainda tem o sangue e o sofrimento dos escravos...

Na narrativa de Dona Tereza também pontual sua percepção da degradação que a paisagem do quilombo sofre por meio da força externa.

Quando eu era criança usava enxada para limpar o terreno as cercas eram de pau, não tinha cerca de arame, hoje eles derrubam com máquina. Antes era só corgo, Brumado, Mata Cavalo e Estiva, hoje eles fazem represa e o peixe não consegue subir, acabou o rio. O garimpo revirou todas as terras, antes a gente olhava para fora [aponta o fundo do próprio quintal] e era só babaçu, agora a gente olha e consegue até enxergar a luz das outras casas lá longe, destruíram todo o babaçu (Dona Tereza, novembro 2010).

Em sua percepção Dona Tereza mostra as mudanças ambientais que tem ocorrido no quilombo durante a passagem dos anos com pesar. Apontando o que a incomoda. Hoeffel e Fadini (2007) caracterizam a percepção ambiental como uma atividade e um processo que:

[...] envolve organismos e ambiente, e que é influenciada pelos órgãos dos sentidos – ‘percepção como sensação’, e por concepções mentais – ‘percepções como cognição’. Desta forma, idéias sobre o ambiente envolvem tanto resposta e reações a impressões, estímulos e sentimentos mediados pelos sentidos, quando processos mentais relacionados com experiências individuais, associações conceituais e condicionamentos culturais. Deste modo, as diferentes maneiras como os seres humanos compreendem e valorizam a natureza estão profundamente influenciadas por seus contextos culturais e as formas de compreender a natureza e as relações estabelecidas com o mundo não humano diferem amplamente entre culturas e momentos históricos e conceitos de natureza de forma radicalmente divergente (HOEFFEL & FADINI,2007.p.255).

Partindo desta reflexão acima, entendemos que Dona Tereza, narra o ambiente de acordo com seu contexto histórico, e dentro de sua relações estabelecidas e suas disputas com os fazendeiros. Ela aponta lembranças boas em oposição a realidades presentes que são ruins, como o passado dos quilombolas que limpavam o terreno com a inchada e conseqüentemente não desmatavam muito, os riachos que ela conhecia e a floresta de babaçu. Já a realidade

presente que ela descreve é ruim como a cerca de arame, as represas, o garimpo, o desmatamento com máquinas, ela sutilmente se refere aos fazendeiros, pois quando ela diz “*agora eles derrubam com máquinas*” só eles tem condições econômicas de manter tratores, moto-serras, garimpos e fazer represas.

Dona Tereza apresenta ainda a percepção ambiental da natureza misturada com o Sagrado. Ela narra como antigamente se faziam orações para fazer chover.

Nos íamos rezar nos campos em setembro quando não tinha chuva, onde os homens estavam trabalhando, íamos com o santo, e cantávamos uma musica de nossa senhora.

Topei com a Senhora na Beira do Rio

Lavando os paninhos do seu Bento filho

Senhora lavava São José estendia

Menino chorava de frio que fazia

Não chore meu Menino que a

Faca que corte da um talho sem dor

Depois rezava o terço, às vezes a chuva pegava a gente no campo mesmo, e a gente voltava toda molhada (Dona Tereza novembro 2010).

Ainda hoje no quilombo rezar para chover é uma prática comum:

Minha irmã faz novena para chover, quando está muito quente e empoeirado lá no final de agosto, mas se começa a chover demais ai faz novena para parar de chover. Eu já disse para ela que não pode rezar para tudo que quiser também (IVONE, Novembro 2010).

Se aproximar da natureza pela forma sagrada é uma maneira de respeito e de mostrar que ainda existe o sentimento de pertencimento aquele território, pois as orações são ouvidas nas duas narrativas, na de Dona Tereza elas voltavam molhadas de chuva, e na narrativa da Ivone sua irmã tem que fazer outra novena para parar de chover. Sem entrar no mérito das orações, já que não é esse o caso aqui, mas sim o sentimento de pertencer ao território, ele ganha o mérito de merecer que as orações sejam atendidas. Os campos por onde o Santo passa e faz chover, ou onde chove em demasia por causa da novena é a delimitação da terra dos quilombolas, as orações atendidas em forma de chuva limita o território, se chove no terreno é porque foram orações quilombolas que foram feitas, o território onde está chovendo então é quilombola. Para Sá (2005.p,252) “as mitologias e os rituais costumam expandir a capacidade da consciência ecológica que liga a sociedade e natureza e assim os humanos pertencem a mundo físicos mas ao mesmo tempo estão profundamente enraizados em outros universos culturais que abrem as portas para outros possíveis conhecimentos”.

Almeida (2004.p,25) lembra ainda que “existem fatores simbólicos de mobilização que dizem respeito aos seus valores evocativos”, e que em algumas comunidades de matriz africana, além do tombamento jurídico dos documentos do local, o santo protetor foi literalmente “plantado” no local, identificando como solo sagrado e para uso específico da

terra para manter herbários medicinais e patrimônios dos recursos hídricos como cachoeiras usadas em cerimônias religiosas.

Além da percepção do presente entre as disputas com os fazendeiros e do sagrado, nessas duas narrativas percebemos também a presença da mulher. Segundo Dona Tereza sempre eram as mulheres que faziam essas orações. Hoje em dia apesar de não saírem em procissão pelo campo carregando são Benedito, ainda e muito mais marcante a atuação feminina na preocupação com o meio ambiente por parte da mulher do que do homem dentro do quilombo, pelo menos no que diz respeito a vida doméstica.

Eu tomo cuidado com os sacolinhas plásticas, lavo e uso de novo, não joga muita coisa fora, meu marido por qualquer coisa ele põe fogo em madeira e lixo (Dona Ana Maria Dezembro 2010).

As mulheres do quilombo são mais atuantes nos universos domésticos que os homens, como na hora de fazer comida, cuidar da horta caseira, dos chás, da água e conseqüentemente da falta dela em casa, da lavagem de roupa e da limpeza da casa. Além de estarem mais presentes também no universo educativo, onde são debatidos temas referentes ao meio ambiente.

E por causa de seus afazeres doméstico as mulheres são chamadas por diversas vezes para participarem de cursos de mães com o tema “meio ambiente e saúde”, onde se discutem problemas como água, os perigos de sua contaminação para a saúde das crianças, o perigo da fumaça das queimadas, reaproveitamento dos alimentos, e até mesmo curso com visão de retorno econômico como aproveitamento de sementes para se fazer bijuterias. Nesses cursos sempre há toda a contextualização ambiental acrescida de novos conhecimentos objetivando o papel do curso, assim relacionando com a percepção que elas já tinham do meio ambiente. Assim elas tem chances de uma ampliação da dimensão ambiental, que não só a sagrada e histórica, mas também técnico, aumentando seu poder de discussão.

Os homens por sua vez são chamados a participarem de cursos referentes a manejo de gado, formação de granja, melhoramento de roças. Atividades ligadas ao agronegócio, e com a visão desenvolvimentista, que no seu âmago apenas os transforma em “peões” de fazenda, não transmitindo valores que promovam sua autonomia como cidadãos.

Sendo assim a percepção ambiental que a mulher de Mata Cavalto tem em relação ao ambiente é diferente do homem, pois, ela já dispunha do seu antigo legado sagrado, e seus sentidos e sua história e agora mais uma vez apreende acrescida por meio da educação formas de relacionar com esse meio ambiente. Além de trazer também à tona as questões referentes às lutas pelo quilombo, as identidades e territorialidades.

A equação gênero e meio ambiente trouxe, ademais, questões criativas e provocadoras para o debate contemporâneo sobre crise de paradigma, ou seja, sobre o conhecimento ocidental, como a reterritorialização do espaço e do meio ambiente, referindo-se ao corpo, à saúde, à sexualidade, ao prazer e ao telúrico. Tal educação questiona sentidos da economia política para a igualdade de vida dos indivíduos, considerando a pluralidade de ser/estar neste mundo, ultrapassa célebres dicotomias entre indivíduos e sociedades e entre natureza e cultura, dicotomias tão caras ao pensamento ocidental, defendendo o equilíbrio dos direitos dos seres humanos sem em sua diversidade, e o direito à casa desses seres humanos, o seu corpo e o planeta (CASTRO & ABRAMOVAY.2005,p.38).

Isso não quer dizer que os homens não sejam integrados as questões ambientais e também não tenham suas percepções sobre o ambiente, mas essas questões estão mais próximas as mulheres, antes por serem questões de referências muitas vezes consideradas assuntos de mulheres, como casa, filhos, plantas e rezas e por serem elas que no dia a dia por lidarem com essas questões, de saúde, carências de alimentos e água que primeiro sentem a necessidade de mudar de hábitos e tomar novas atitudes em relação à natureza.

Alguns dos espaços para que as mulheres possam participar como agentes de mudança, são os comitês e conselhos formados para assuntos referentes sobre o meio ambiente, isso porque em vista, da Conferência Mundial das Nações Unidas e a Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher em 1995, foi reconhecido nessas conferencias e depois, passados oficialmente para documentos que havia a necessidade a participação da liderança de mulheres nas medidas estratégicas para uma nova ordem do meio ambiente, solicitando dos países a participação efetiva da mulher, na geração de conhecimentos e educação ambiental, e adoção de decisões e a gestão em todos os níveis.

Essa solicitação não só foi acatada pelo Brasil, como se transformou em obrigatoriedade nas instâncias de gestão de políticas públicas, sendo garantido o direito de assento a um representante de entidade de representação feminina nos comitês e conselhos gestores.

No que se tange ao meio ambiente a Leis Nacionais de Recursos Hídricos são claras em relação a essas normas de representação, e exigem que se tenha uma representante dessas instituições. Esse é um espaço que sem dúvida que a mulher de Mata Cavalo pode ocupar, já que participa de sua associação em defesa de suas terras, de sua família, de seu território e de sua história, por que não também abrir a porta para um lócus de discussão do meio ambiente? Já que intrinsecamente estão todas essas características relacionadas.

### **Considerações Finais**

A participação nesses espaços então passa também a ser um processo pedagógico que propicia não só a consciência ambiental, mas também a consciência de um ser pertencente

ao mundo, pois “toda consciência é sempre consciência de algo, a que se intenciona. A consciência de si dos seres humanos implica na consciência das coisas, da realidade concreta em que se acham como serem históricos e que eles aprendem através de sua habilidade cognoscitiva” (FREIRE, 2001.p.171).

Nas narrativas quilombolas percebemos a ligação da identidade a terra pela qual lutam, pela forma como se relacionam com o seu ambiente e no movimento de pertencimento ao lugar e reconhecimento do valor de ser quilombola. Nenhuma outra terra serviria como palco para essas mulheres, somente lá elas são quilombolas de Mata Cavalo.

Ao incorporar a particularidade da sua história e o seu território a ser reconquistado como elementos constituintes da sua identidade, os quilombolas de Mata Cavalo assumem seu papel de integrantes de uma diversidade encoberta pelo discurso neoliberal. Diversidade que incorpora outras diversidades: a diversidade biológica de seu território, a diversidade de comunidades deste mesmo território, a diversidade das formas de uso da terra, as diversidades de espécies agrícolas cultivadas, as diversidades de opinião sobre seu próprio movimento (SIMIONE, 2008. 84).

Por isso as narrativas dessas mulheres são importantes, pois ela denota o passado e presente, memória e percepção reconhecendo o que foi feito e assumindo uma nova postura diante do futuro. A emancipação deve ser o novo direcionamento da comunidade.

Devemos esperar que, no quilombo, essa emancipação seja a emancipação do ser humano em si, levando-se em consideração o território em que vivem e a sua cultura, almejando a construção de uma nova relação social que vise “garantir aos diferentes agentes sociais efetivas condições de participar e decidir, sob relações de produção que permitam a justa distribuição do que é socialmente criado, para que a nossa espécie alcance novos modos de viver e se realizar na natureza, não contra a natureza” (LOUREIRO, 2007.p.160).

A consciência das mulheres de Mata Cavalo foi construída em grupo como quilombola dentro de uma realidade de sofrimento luta e esperança, e que muito ainda está por vir. Ao longo desse caminho foram aprendendo e ensinando, e com a suas teimosias vêm aos poucos retomando o que são deles por herança. “Quem pode ser em contrapartida o portador de um território/país sustentável e democrático senão sua gente teimosa, agarrada ao chão e engenhosa em extrair dele e de sua situação a construção de seu futuro?” (LEROY, 2010. p.52).

## **REFERÊNCIAS:**

ALBORNOZ. Suzana. *As Mulheres e a mudança nos costumes: ensaio da igualdade e da diferença*. Porto Alegre EDUNISC, 2008.

- ALEIXO, Lucia Helena Gaeta . *Vozes do Silêncio. Subordinação, Resistência e trabalho em Mato Grosso*. Ed.UFMT. Cuiabá,1995
- BANDEIRA, Maria de Lourdes et al.. *Projeto de mapeamento e sistematização das áreas de comunidades remanescentes de Quilombo: Mata Cavallo (MT)*. Relatório Histórico-Antropológico. Cuiabá, Universidade de Cuiabá, 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Lutar com a Palavra: escritos sobre o trabalho do educador*. RJ. Graal. 2ªed. 1985.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-ipea. RETRATO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA – 3ª EDIÇÃO. Brasília. 2008.
- BOURDIEU. Pierre. *A Economia de Trocas Simbólicas*. Perspectivas. 2007
- CHAGAS, Mirian de Fátima. *A Política de Reconhecimento dos “Remanescentes das comunidades dos quilombos*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182 - 198, junho de 1998.
- DEERE, Carmem Diana. *O empoderamento da mulher e direitos de propriedade na América Latina*. Tradução: Letícia Vasconcellos Abreu. Porto Alegre:URGS.2002
- FREIRE,Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulatas Profissionais:raça, Genêro e ocupação*. in: *Estudo feministas/Universidade Federal de Santa Catarina*. Centro de Comunicação e Expressão. v.7, n.1-2, Florianópolis:UFSC.1988
- GONH. Maria da Glória(org.). *Movimentos Sociais no Início do Século XXI: Antigos e novos atores sociais*. Petropolis, Vozes 3ed, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. *Mito da desterritorialização: do fim dos territórios a multiterritorialidade*. 4 ed. Bertrand Brasil, 2009.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 5.ed. – São Paulo: Contexto,2003.
- SÁ, Laís Mourão. *Pertencimento*. in *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Volume 01 MMA.Brasília,2003.
- SATO, Michèle et alli. *Nossa Palavra e sim*. Revista de Educação.2008

SATO, Michele; PASSOS, Luiz Augusto. Biorregionalismo: identidade histórica e caminhos para a cidadania. LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.). *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. *PROFISSIONALIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO FEMININO: uma história de emancipação e preconceitos*. Universidade Estadual de Maringá, 2003.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Cativos do Sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá*. São Paulo, Marco Zero, 1993.

TRISTÃO, Marta. *Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 251-264, maio/ago. 2005.